

FLASHBACKS DE UM CANABISTA: UMA FENOMENOLOGIA AUTOBIOGRÁFICA COM A CANNABIS

Jan Clefferson Costa de Freitas¹

Resumo

O presente artigo ensaístico concerne ao meu trabalho final do VII Curso de *Cannabis* Medicinal da UNIFESP. Idealizo aqui apresentar, de uma forma multilateral e por meio de recortes autobiográficos, as minhas reflexões fenomenológicas sobre os usos da *Cannabis*. A abordagem da questão é panorâmica, com ênfase nas dimensões artísticas, científicas, filosóficas e místicas de uso da planta. Quando falamos em *Cannabis* Medicinal estamos a falar também do cuidado de si, do direito ao prazer e da saúde holística, assuntos que têm pertinência no campo da filosofia. Em síntese, a proposta é contemplar a relação entre pensamento, vida e natureza a partir da experiência fenomenológica com a *Cannabis*.

Palavras-chave: Cannabis Medicinal, Saúde Holística, Filosofia Psicodélica, Cuidado de Si, Direito ao Prazer.

FLASHBACKS OF A CANNABIST: AN AUTOBIOGRAPHICAL PHENOMENOLOGY WITH CANNABIS

Abstract

The present essayistic paper is about my final work of the VII Medicinal *Cannabis* Course at UNIFESP. I intend to present here, in a multilateral way and through autobiographical clippings, my phenomenological reflections on the uses of *Cannabis*. The approach to the issue is panoramic, with emphasis on the artistic, scientific, philosophical and mystical dimensions of plant use. When we talk about Medicinal *Cannabis* we are also talking about care of the self, the right to pleasure and holistic health, subjects that have pertinence in the field of philosophy. In synthesis, the proposal is to contemplate the relationship between thought, life and nature from the phenomenological experience with *Cannabis*.

¹ Doutor em Filosofia pela UFRN, e-mail: jancleffersonphil@gmail.com

Keywords: Medicinal Cannabis, Holistic Health, Psychedelic Philosophy, Care of the Self, Right to Pleasure.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: DA TEMPESTADE À CALMARIA

Durante os meses do VII Curso de *Cannabis* Medicinal da UNIFESP meditei muito sobre o tema que envolveria o meu trabalho final e por muitas vezes fiquei indeciso em relação ao que fazer. Eram tantas as ideias e informações processadas no curso que não sabia como começar a escrever sobre o assunto de uma forma que a meu ver fosse satisfatória.

Assim recorri várias vezes à planta para meditar e tentar encontrar uma solução que me permitisse concluir o curso com uma boa tessitura, com um TCC que fizesse jus ao meu aprendizado ao longo dos meses que se sucederam e que representasse algo de significativo tanto para mim quanto para a Comunidade Canábica.

Comecei a pensar em realizar uma descrição dos usos da *Cannabis* na contracultura e no *underground*, por artistas e pensadores. Pensei depois em descrever os experimentos que fiz com a planta e os resultados que obtive das minhas jornadas psiconáuticas. Em seguida pensei que poderia analisar a minha experiência como ativista social no movimento antiproibicionista e as conquistas que obtivemos ao longo dos anos. Na sequência pensei também que poderia escrever sobre a medicina canabinoide como prática voltada para a redução de danos. Mais à frente pensei no desenvolvimento de uma “filoetnografia” que evidenciasse o uso sacramental da *Cannabis* no universo do neoxamanismo e assim por diante.

Quando estava no mês final do curso percebi que durante as minhas consagrações da erva, o que mais aparecia na tempestade dos meus pensamentos eram sempre os *flashbacks* dos momentos mais memoráveis que vivenciei ao estar sob os efeitos da *Cannabis*. Desse modo muito mais meditativo e contemplativo do que racional e calculador tive o *insight* de escrever uma narrativa autobiográfica que contemplasse a todas as ideias concebidas em momentos anteriores para o presente TCC.

Por mais que possa parecer cedo para escrever uma autobiografia, este trabalho representa o início do resgate das memórias que com certeza serão partes integrantes de

uma obra autobiográfica, *Flashbacks de um Psiconauta*, a ser redigida e lançada nos tempos futuros. Dei início ao projeto autobiográfico por ter em mente ser preferível a autenticidade à mediocridade. A natureza, a sociedade, o universo, a minha verdadeira vontade me fizeram ser quem sou; assim sendo, não preciso sentir culpa ou ter vergonha de mim mesmo por aquilo que aqui será expresso.

Com a mesma intensidade que foi escrito o livro *Os Subterrâneos*, de Jack Kerouac [1922-1969], a narrativa que aqui se encontra foi escrita no espaço de três dias e três noites:² talvez pela afinidade que tenho à Geração Beat ou pelo apreço que nutro aos estudos referentes à *Cannabis*. A velocidade da escrita deste TCC reflete de algum modo a relação de proximidade entre o autor e a Cultura Canábica: cultura esta que por mais de uma década está presente em sua vida e pensamento, estes últimos em total alinhamento com as artes, as ciências, a filosofia e a mística.

Gostaria de todo o meu coração que os leitores encontrassem aqui reflexões em conexão com as suas perspectivas referentes à *Cannabis*. Que a partir da correspondência estabelecida entre os nossos pensamentos, palavras e ações, nós possamos construir um novo paradigma onde a *Cannabis* será vista como ela é, ou seja, uma planta medicinal para a saúde social, física, mental e espiritual de toda a humanidade.

I. A PRIMEIRA MAROLA

Disse Deus: eis que lhes dou todas as ervas que nascem em toda a terra e produzem sementes, e todas as plantas que dão frutos com sementes. Elas servirão de alimento para vocês (Genesis, 1:29).

Lembro-me de ter visto alguém fumar um baseado pela primeira vez aos meus 6 anos de idade, na Praia dos Artistas, em um passeio com a minha mãe para a casa dos meus primos: eram meados do ano de 1997.

² Na edição que li de *Os Subterrâneos*, prefaciada por Henry Miller [1891-1980], apresentada por Claudio Willer, traduzida por Paulo Henriques Britto e lançada no Brasil pela editora Brasiliense em 1984, os elementos biográficos do autor Kerouac evidenciavam que a obra foi escrita sob efeito de café e estimulantes. No caso do presente TCC, embora o café estivesse presente em alguns pontos da redação, os “estimulantes” não foram os mesmos usados por Jack.

Um homem com amigos sentado em uma esquina da praia fumava um cigarro dobrado em papel que emitia um odor singular e tinha a dimensão de um charuto cubano. Comentei com a minha mãe a impressão que tive pelo tamanho do cigarro, pois o mesmo era muito diferente dos que costumava ver as pessoas fumarem. Ela me falou para não olhar e seguir adiante.

Fiquei a me perguntar por que a minha mãe reagiu daquela maneira e não disse mais nada sobre aquele acontecimento. Os dias se passaram e esqueci do que havia percebido naquele dia. Depois a lembrança da “primeira marola” ficou guardada no baú do meu inconsciente, onde permaneceu por um longo tempo.

Penso hoje que como antes do ano de 2002 era crime ser usuário de *Cannabis* e dos demais psicoativos no Brasil, o instinto materno intencionou proteger a mim, então uma criança de apenas 6 anos, da eventual possibilidade de ter problemas que pudessem advir de um simples olhar curioso.

II. UM CIGARRO DE ARTISTA

Querem nos limitar de ir mais além/É muito fácil criticar sem se informar/Se informe antes de falar e legalize Ganja/Legalize já, legalize já/Porque uma erva natural não pode te prejudicar (*Planet Hemp*, 1995, ♪3).

No ano de 2002 uma das bandas que alegraram a minha infância e pré-adolescência veio tocar em um evento na cidade onde nasci, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. A banda era o *Planet Hemp* ainda na sua formação clássica. Conheci o *Planet Hemp* através de amigos com os quais andava de skate, BMX e pegava ondas. Nós sabíamos cantar aquelas letras de memória.

Contava então com 12 anos de idade e tinha noção do que era a *Cannabis* por causa das letras de D2 e BNegão, mas, por razões talvez óbvias, ainda não havia experimentado os efeitos da erva. Fiz de tudo para achar uma forma de ir àquele show, pois como era menor de idade tinha a certeza de que os meus pais por cuidado excessivo não permitiriam. Assim, com o melhor amigo que a vida poderia ter me dado naquele tempo, nós encontramos uma forma de entrar no evento sem sermos vistos pela segurança. Dessa maneira curtimos o show do *Planet Hemp*.

Naquele inesquecível 23 de maio tocaram bandas locais de rock e de rap, bem como o próprio *Planet Hemp*. Em meio à multidão frenética presente no evento, o cheiro do “charuto cubano” que vi o homem fumar na praia alguns anos atrás com os seus amigos tomava conta do ambiente, mas não dava para ver quem estava a fumar. Naquela ocasião fui informado que o odor a circular no espaço do show era da “erva natural” que a banda citava nas letras.

Pouco depois do *Planet Hemp* começar a tocada observei um enorme cigarro feito com sedas iguais àquelas enormes que vêm dentro das caixas de tênis. O baseado estava aceso e circulava entre as pessoas que estavam próximas ao palco. Aquele beck circulou de mão em mão durante algumas canções da banda e depois de um tempo desapareceu. Acredito que os fãs do *Planet Hemp* “queimaram tudo até a última ponta”. Comentei com o meu amigo de infância (que tragicamente faleceu em 2013 por overdose de éter) sobre o cigarro que era gigante e ele disse para mim: “é um cigarro de artista”. Até hoje a definição que ouvi da erva naquele show, quando nós éramos pré-adolescentes, com imensa gratidão é recordada.

III. UMA BRISA NOTURNA

Eis o cachimbo gigante/Que ilumina a todos aqueles que
o inalam/Faces rodopiam em seu eixo/Espíritos inquietos
confinados com ervas daninhas/Símbolos esculpido em
sua base/Que levaram séculos para traduzir/Cuidado para
com aqueles que tentam/Em fumaça os teus pulmões
serão batizados (*Cannabis Corpse*, 2014, ♪1).

No ano de 2005 aos 14 anos de idade tive o primeiro contato direto com a planta *Cannabis*. A conexão veio através de uma amiga mais experiente que conheci no Movimento *Anarcopunk*. Naquele tempo, a galera da movida *punk* havia tomado conta de um prédio abandonado e no espaço realizavam atividades sociais, artísticas e culturais das mais diversas. Lá estávamos nós no *squat* e ela falou para mim sobre os efeitos psicoativos da marijuana, os quais já conhecia por ser fã do *Planet Hemp*, mas ainda não havia experimentado. Foi então que ela fez um baseado e o acendeu com um convite para que fumássemos.

Lembro-me que na ocasião não senti tanto os efeitos da planta: talvez porque gostasse de beber vinho e já estivesse em um estado de considerável embriaguez; talvez porque não soubesse apreciar o baseado de um modo apropriado; talvez porque a erva não tivesse um teor alto de princípios ativos; ou talvez porque ainda não soubesse discernir os efeitos da *Cannabis* dos efeitos da bebida.

Em outra ocasião de 2005 nós repetimos a experiência em uma das praças do centro histórico da cidade. Dessa vez aconteceu algo diferente. Por mais que estivéssemos sob o efeito da mistura de vários vinhos, ainda recorro de comentarmos o quanto nos sentíamos mais leves, perceptivos e alto-astrais depois de fumar um beck naquela noite.

IV. A ABERTURA DOS PORTAIS

Na embriaguez do haxixe, nada há que se pareça. Não sairemos do sonho natural. A embriaguez será, em toda a sua duração, um imenso sonho, graças à intensidade das cores e à rapidez das concepções; mas conservará sempre a tonalidade particular do indivíduo (Charles Baudelaire, 2003, p. 22).

No ano de 2007 com 16 anos estudava no centro da cidade. Estava na praça em frente à escola quando um amigo que havia estudado comigo no ensino fundamental apareceu com um baseado. Ele disse que no cigarro não havia só maconha, mas haxixe marroquino e me chamou para fumar com ele.

Como achava que a brisa seria leve igual àquelas de 2005 aceitei o convite e fumamos o beck na praça. Dessa vez com os pulmões melhor preparados e sem estar sob efeito do vinho, com uma planta de bons genes mais a resina de qualidade, no meu terceiro trago senti uma força impressionante proveniente da *Cannabis* e do seu derivado haxixe.

O meu corpo ficou muito leve a ponto de não dar para sentir mais o seu peso, um fenômeno que quase me deixou inconsciente do mundo físico. Não fui capaz de ficar sentado por muito tempo, falei ao meu amigo que iria apagar e deitei-me no banco da praça. Lembro-me de ter sentido a consciência projetada fora do corpo e várias mandalas de cor violeta se moviam como um túnel tridimensional que se abria para o mundo metafísico. A experiência fenomenológica durou cerca de uns 20 minutos.

Quando voltei a mim o meu amigo estava a rir e perguntar o que havia acontecido. Relatei a experiência para ele e fiquei muito grato. Disse que jamais aquela planta tinha mostrado para mim a sua força de uma forma tão poderosa. Ele falou que se sentiu preocupado, mas ao ouvir o meu depoimento ficou tranquilo e me presenteou com 3 unidades daqueles becks especiais, para usar eles quando quisesse. Agradei mais uma vez e nos despedimos.

Pela primeira vez pude alcançar o discernimento de dizer para mim mesmo que os efeitos psicoativos derivados da *Cannabis* eram de fato extraordinários. Por um descuido guardei os becks em um lugar que não era seguro e algum parente meu os encontrou. Não falaram nada sobre a nova descoberta, mas deixei de apreciar mais uma vez aqueles “cigarros de artista”, os baseados que representavam o meu contato psicodélico com a *Cannabis*.

V. ANOS DE SELVAGERIA

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!/O beijo, amigo, é a véspera do escarro,/A mão que afaga é a mesma que apedreja./Se alguém causa inda pena a tua chaga,/Apedreja essa mão vil que te afaga,/Escarra nessa boca que te beija! (Augusto dos Anjos, 2010, p. 156).

No ano de 2008, quando então contava com 17 anos, o *underground* era uma parte indissociável da minha vida. Naquela época era editor de duas revistas e entrevistava bandas de metal extremo do mundo inteiro. Também fundei associado com um grande amigo uma banda de *Black Metal*, a qual demos o nome de Aurora Mística. As letras da banda, escritas por mim, versavam sobre a Lei de Thelema e a Magia do Caos. Acompanhado pelos meus amigos saía à noite como se fôssemos para uma guerra. Camisas pretas, calças deterioradas, calçados com basqueteiras e coturnos, cinturões com altas réplicas de balas de fuzil e escopeta, braceletes com arrebites e pregos enferrujados, correntes ao redor do corpo inteiro. Nós frequentávamos os principais cemitérios da nossa cidade, líamos livros de literatura maldita e ocultismo sobre as sepulturas, escrevíamos poesia, tocávamos instrumentos, bebíamos litros de vinho, fumávamos *Cannabis* e às vezes mixávamos a erva com haxixe.

Lembro-me que nesse período, muito embora a contragosto, o nosso contato com o submundo era algo frequente. Nós não mediávamos esforços para obter a *Cannabis* e, por causa dos males da proibição, às vezes era preciso frequentar espaços que não eram salubres, mesmo que por um curto período de tempo, apenas para ter em mãos a nossa preciosa erva.

Uma vez ao entardecer fui com amigos em uma quebrada para comprar *Cannabis*. Um dos narcotraficantes da comunidade que portava uma pistola Taurus-765, ao olhar para o meu cinto cheio de balas em volta, me perguntou com um ar de riso: “Você vende bala, é, cabeludo?”. Naquele dia a minha resposta foi irônica: “Deus me livre!”. Ele falou que o meu cinto “era muito louco” e perguntou uma outra vez: “Quer fazer jogo no cinto comigo, boy doido?”. Falei a ele que só tinha aquele cinto e que o mesmo fora um presente de aniversário. Por fim ele falou que a “nossa gangue” era “de resposta” e que se algo negativo acontecesse com a gente na quebrada, nós deveríamos falar com ele para encontrar o responsável e resolver no “tribunal do crime”. Agradecemos pela “consideração” e conseguimos sair de lá com um mal-estar, uma náusea existencial horrível, pois nós não éramos criminosos nem muito menos membros de gangue, mas artistas e pensadores usuários de *Cannabis*.

No caminho comentamos sobre as armas que estavam em cima da mesa e na cintura dos traficantes. Concluímos que a ilegalidade da *Cannabis* e do acesso aos seus benefícios colocava usuários em risco vida. A partir do aprendizado pude me dar conta do quão estúpidas eram as leis proibicionistas; afinal de contas, se a planta não fosse criminalizada; se esta erva que só existe para ajudar a humanidade não fosse proibida, nós jamais precisaríamos visitar um ambiente como aquele; não haveriam criminosos armados nos pontos de venda da planta; seriam reduzidos o encarceramento em massa e a extrema violência nas periferias; bem como diminuiria a ignorância que ainda existe quanto à solução para o “problema social” que poderia advir da legalização da *Cannabis*.

VI. A ERVA DA UNIÃO MÍSTICA

O haxixe pelo menos dá provas de uma nova ordem de consciência, e (parece-me) é este caso *prima facie* que os místicos sempre precisaram apreciar, e nunca

apreciaram. Mas hoje em dia reivindico o fenômeno do haxixe como um fenômeno mental de primeira importância – e exijo análise. Afirmo – mais ou menos *ex cathedra* – que a meditação revolucionará a nossa concepção do universo, tal como o microscópio o fez (Aleister Crowley, 2019, §9).

No ano de 2009 quando estava com 18 anos fui morar em outra zona da Cidade. Graças à mudança pude me ver livre dos contatos sórdidos que estavam frequentes no centro. Por felicidade tomei distância de elementos em nome dos quais quase deixei de usar a *Cannabis*, porque eles, talvez devido aos infortúnios do proibicionismo, de algum modo foram empurrados para a criminalidade e poderiam trazer prejuízos a mim, mesmo sem que houvesse envolvimento real entre nós.

Uma noite saí com uma amiga para visitar um amigo que morava próximo a nós. Fazia um tempo que não estava a usar a *Cannabis* por falta de contatos seguros e por ser novo naquela área. No caminho nós conversávamos acerca das dificuldades enfrentadas pelo usuário da erva em um modelo de sociedade proibicionista: um espetáculo macabro que no lugar de gerar empregos sustenta a máquina do tráfico; que ao invés de promover a saúde coletiva promove a doença geral; que muito longe de favorecer a vida planetária favorece a prisão e a morte de milhares de pessoas.

Tocamos a campainha da residência e em seguida o nosso amigo que estudava psicologia apareceu no portão com um beck na mão e nos convidou para fumar com ele. Aceitamos o convite e minutos depois nós tivemos uma fortíssima crise de riso na calçada da sua casa. O efeito hilariante da planta era incontrolável e durou cerca de meia-hora, um lapso temporal no qual nós ficamos quase urinados e sem ar de tanto rir: enquanto isso ele nos olhava com a sua mãe e ambos riam da cena cômica. Nós constatamos naquela noite que, sem dúvidas, a *Cannabis* possuía propriedades antidepressivas.

Naquele período também dedicava boa parte do meu tempo aos estudos e práticas da Alta Magia, em particular às obras de Aleister Crowley [1875-1947]. Crowley foi um ocultista britânico que utilizou diversos psicoativos para finalidades místicas e mágicas. Ele escreveu quilômetros de linhas sobre a sua relação com as substâncias psicoativas dentre as quais se encontravam o haxixe e a *Cannabis*.³

³ *The Psychology of Hashish*, um ensaio autobiográfico das experimentações de Aleister Crowley com a *Cannabis Sativa*, publicado em 1909. Na tessitura em questão, Crowley contextualiza o seu estudo

Ao adotar a metodologia sugerida por Crowley, como havia encontrado contatos seguros, passei então a incluir a erva e a resina nas minhas práticas espirituais. Utilizava os componentes da planta para visualização ativa, meditação criativa, mantra yoga, respiração consciente, ritos tântricos, magia sexual, ativação de sigilos mágicos, projeção astral, celebração de equinócios e solstícios, dentre outros exercícios e rituais, em várias linhas diferentes. Recordo-me de escrever no meu diário de magia daquele ano que a erva e derivados melhoravam o meu humor, aprimoravam o resultado dos meus trabalhos e facilitavam o meu acesso às dimensões transcendentais.

VII. NO MOVIMENTO ANTIPROIBICIONISTA

Nossa lei é uma lei máquina, uma lei *gradeada*, mecânica, e ela é obviamente incapaz de conter a fluidez do orgânico. É por isso que a Guerra às Drogas nunca vai funcionar. Você deveria igualmente declarar guerra a todas as plantas. Logo o discurso público está próximo do esgotamento quanto à questão da consciência. A Guerra às Drogas é um combate à própria cognição, ao próprio pensamento como à condição humana (Hakim Bey, 1996).

No ano de 2010 quando estava perto de completar 19 anos comecei a estudar filosofia no Campus Central da UFRN e me tornei vegetariano. Na universidade encontrei com amigos que conhecia do lado de fora e nós formamos um coletivo de tendências anarquistas, contraculturais e psicodélicas chamado “Zaragata”.

Nos reuníamos para experimentar os psicodélicos, sem dogmas, apenas para expandir a consciência e compartilhar o aprendizado das experiências, com base nas sugestões dos autores clássicos da psicodelia, tais como Albert Hofmann [1906-2008], Timothy Leary [1920-1996] e Terence McKenna [1949-2000].⁴

individual da *Cannabis* com os relatos de vários filósofos, artistas, cientistas, sábios e ocultistas ao longo da história, desde os mais conhecidos aos menos conhecidos, e considera a utilização dos psicoativos como uma chave de acesso às experiências místicas.

⁴ Os 3 principais clássicos da psicodelia que nós mais líamos para inspirar as nossas *trips* eram *LSD: my Problem Child*, *The Psychedelic Experience* e *Food of the Gods*. Além desses haviam obras complementares e não menos importantes como os *Paraísos Artificiais* de Charles Baudelaire; *Uma Estadia no Inferno* e as *Iluminuras* de Arthur Rimbaud; as *Cartas do Yagé* de William Burroughs e Allen Ginsberg; e *Hashish!: History, Cultures, Ingredients, Recreation, Medicine: Hashish-making – Traditional, High Tech, Home-made*, de Robert Connel Clarke, dentre outros.

Recordo-me que nós comprávamos *Cannabis* em quantidades suficientes, como forma de reduzir danos. Através dessa estratégia de compra, não precisávamos frequentar com regularidade os ambientes do submundo: nós passávamos um bom tempo até fazer uma nova aquisição e tudo era muito mais leve para nós. Passávamos o dia inteiro na universidade: a estudar, escrever, trocar ideias e fazer intervenções enquanto fumávamos os nossos becks, cada um com o seu, assim como o haxixe.

No ano em questão foi realizada a primeira Marcha da Maconha de Natal e lá estávamos nós, naquela passeata épica que começou na Feira de Ciências e Tecnologia, passou pela reitoria do campus, cruzou com um movimento de pessoas contrárias ao uso medicinal da planta do lado da Biblioteca Central e terminou com uma ciranda no setor de Ciências Humanas, Letras e Artes.

A marcha foi um tipo de gatilho cósmico que fortaleceu em mim a vontade política de ver cair por terra todos os ditames proibicionistas em relação às substâncias psicoativas, as quais, quando ministradas e apreciadas com sabedoria podem trazer grandes benefícios aos usuários. Passei a partir de então a considerar que utilizar um psicoativo era também um ato político. Assim pude me ligar aos movimentos sociais locais, regionais, nacionais e internacionais que preconizavam a descriminalização, a regulamentação e a legalização das substâncias psicoativas.

VIII. O ANO QUE JAMAIS TERMINOU

O principal efeito dos psicodélicos é quebrar os circuitos condicionados e impressos no cérebro. Começa-se a usar o cérebro de novas formas, o que significa novas impressões, novas percepções e novas ideias (Robert Anton Wilson, 1991).

Em 2013 estava com 21 anos e no ano final do bacharelado em Filosofia. Ao longo de todo o curso e mais ainda naquele período, as minhas jornadas com *Cannabis*, LSD, MDMA, *Salvia divinorum*, mescalina, *Argyreia nervosa*, cogumelos e jurema eram muito regulares. Consagrei a ayahuasca pela primeira vez aos 21 dias do mês de abril do ano em questão e uma nova dimensão do uso da *Cannabis* se abriu para mim. Recordei

do termo “enteógeno” acessado em 2010 após analisar uma palestra de Hakim Bey:⁵ o significado da expressão evidenciada é “o que te plenifica do divino”. Assim conscientizei o fato de que a *Cannabis*, semelhante às demais plantas de poder, também se tratava de uma erva com propriedades enteogênicas.

Devido à ampla participação em todos os atos do movimento contra o aumento das passagens de transporte, o Passe Livre e a Revolta do Busão, a minha ligação com as ações de resistência anticapitalistas estava mais fortalecida do que nunca. Talvez devido à regularidade das minhas *trips* naquele ano tenha gravado na minha memória e no meu coração a forte lembrança de todos aqueles dias como se cada um deles fossem o dia de hoje. No calor dos acontecimentos estava sempre em estado de êxtase. Os meus amigos tomavam nota do meu comportamento: uma poética da vida estimulada por altos níveis de serotonina que sugeria ideias polêmicas nas plenárias e intervenções bombásticas nos atos, atitudes que sem dúvida foram inspiradas pelo uso consciente das substâncias psicoativas e é claro da *Cannabis*.

No intervalo entre os estudos e o ativismo fazia trilhas ecológicas pelo Parque das Dunas, em áreas restritas que pertenciam à União e às Forças Armadas. Como a vista de tais lugares pouco frequentados era deslumbrante, apesar do risco de tomar tiros de fuzil ou de ser detido pela Guarda Florestal, o contexto era ideal para as minhas “derivadas psicotrópicas” e pela bondade da Força Cósmica o pior nunca aconteceu. Tive muitos *insights* naqueles caminhos que para mim serão sempre sagrados.

A *Cannabis* passou então a ser um complemento indispensável nas imersões que costumava fazer na floresta, na praia, na universidade e no lar, tanto em parceria de alguns poucos psiconautas quanto também muitas vezes sozinho. Com efeito, o uso combinado da erva e alguns outros psicodélicos movido por um propósito de autoconhecimento proporcionou estados superelevados de consciência que nunca antes foram alcançados por mim.

Comecei a frequentar as rodas medicinais do xamanismo e pude ver que os participantes tinham um tipo de etiqueta no que concernia ao uso da *Cannabis* e aos

⁵ *Cybernetics and Entheogenics: from Cyberspace to Neurospace*. Palestra proferida por Peter Lamborn Wilson (Hakim Bey) durante o festival *Next Five Minutes – Tactical Media – Amsterdam*, em 19 de janeiro de 1996.

demais psicoativos. No contexto quando usávamos a planta o silêncio prevalecia, depois de alguns minutos canções de cura eram entoadas, muitas delas em línguas nativas de vários povos originários, tudo com muito respeito e delicadeza.

Gostei imenso daquela forma sacramental de usar a planta em grupo, pois devido ao teor de certas conversas e acontecimentos que testemunhei sob o seu efeito em certos círculos sociais, por diversas vezes me senti desconfortável e cogitei mais uma vez a possibilidade de suspender o uso da erva.

Compreendi a partir de então que nesse caso, o desconforto não era provocado pela *Cannabis*, mas pelo tipo de conteúdo compartilhado com o usuário no processo de expansão consciencial. Observei que como os canabinoides ampliam a nossa percepção e sensibilidade, pelo menos para mim, quando a comunicação dentro da roda era violenta, os benefícios psicológicos da planta de algum modo eram comprometidos.

Nas rodas xamanísticas, uma vez que a comunicação era não-violenta, os benefícios da *Cannabis* eram melhor apreciados e assim, os seus efeitos eram muito especiais. Uma coisa importante que o xamanismo ensinou para mim foi a dialogar com as plantas sagradas. Dessa maneira, algumas coisas que até então permaneciam incompreensíveis sobre a minha relação com a *Cannabis*, a própria planta tratou de esclarecer tudo.

IX. UM ENCONTRO AUSPICIOSO

Hoje em dia está absolutamente bem demonstrado, não há razão, a não ser ideológica, para rejeitar a verdade de que a maconha tem efeitos terapêuticos plenamente provados (Elisaldo Carlini, 2010).

Foi no dia 11 de março de 2014, na ocasião da conferência de abertura do V Ciclo de Debates Antiproibicionistas da UFRN, que tive a oportunidade de escutar e dialogar com o Prof. Dr. Elisaldo Carlini [1930-2020]. No evento em questão, de uma forma inteligente e cordial, Dr. Carlini apresentou as pesquisas pioneiras e as descobertas revolucionárias feitas por ele durante mais de meio século de vida dedicados ao estudo experimental da Medicina Canabinoide.

Prof. Carlini evidenciou com dados científicos os benefícios terapêuticos da *Cannabis* e demonstrou o quanto as leis proibicionistas prejudicavam o avanço da ciência mundial. Ao final da conferência, perguntei para ele se o uso medicinal da *Cannabis* também incluía as dimensões lúdicas e espirituais da experiência humana. Carlini então respondeu para mim: “O uso recreativo pode ter o seu aspecto terapêutico e o uso espiritual pode ter um lado medicinal”.

Fiquei muito satisfeito com a resposta que até hoje me faz pensar sobre o vasto significado da expressão “*Cannabis Medicinal*”. O breve diálogo com o Prof. Dr. Elisaldo Carlini abriu novos horizontes para compreender que, no que concerne ao uso da *Cannabis* e dos demais psicodélicos, tanto a diversão quanto a espiritualidade possuem lados terapêuticos, desde que sejam utilizadas as medidas certas. A partir desse auspicioso encontro pude ficar certo de que estava a trilhar um caminho equilibrado com os psicoativos, pois tanto o seu uso recreativo nas minhas horas vagas quanto o seu uso espiritual nas minhas práticas holísticas, aplicados na justa medida, ao mesmo tempo que estavam alinhados com a visão de um grande cientista tinham efeitos medicinais sobre a minha saúde.

X. UM CHAMADO DA FLORESTA

...cogumelo, São Pedro, Santa Maria. Todas são linhas muito sérias, têm seus usos espirituais. A Santa Maria é a mais conhecida [...] O uso dela é pra um conhecimento, para abrir o lado espiritual. Foi do espiritual que eu recebi. Por isso eu estudei. Foi porque me entregaram; o Daime, as outras plantas sagradas, a própria floresta (Padrinho Sebastião, 1998, p. 196).

Ainda no ano de 2014, em uma roda xamânica muito importante coordenada pelo chefe Aurelio Diaz Tekpankalli, líder mundial da *Native American Church*, horas depois de ter servido uma dose heroica de peiote e outra igual de ayahuasca para todos os presentes, Dom Aurélio distribuiu vários crivos de *marijuana* para que duplas fossem formadas e a erva consagrada no ritual originário, lastreado pelo Direito Internacional. Uma amiga que estava na jornada junto comigo acendeu a chama e, ao seguir as recomendações do Chefe Aurélio, naquela luz nós ofertamos as vibrações dos nossos

pensamentos ao Grande Espírito e à Mãe Terra. A força da *Cannabis* naquele dia me colocou em um estado de profunda introspecção que me fez rever toda a minha vida, bem como intensificou os efeitos do peiote e da ayahuasca a níveis incríveis.

No meio dos meus contatos com o xamanismo ouvi falar a respeito do Daime, uma religião ayahuasqueira brasileira constituída no coração da floresta amazônica por um homem nordestino e afrodescendente, Raimundo Irineu Serra [1892-1971]. O Mestre Irineu havia tomado a ayahuasca com os povos amazônicos e após ter feito uma dieta iniciática recebeu a iluminação da Deusa Universal para constituir uma religião que teria como sacramento a referida bebida sagrada. Na sucessão do Mestre Irineu veio o Padrinho Sebastião [1920-1990] que, com os seus grandes amigos Lucio Mortimer [1946-2002], Glauco Villas Boas [1957-2010] e Maurílio Reis, introduziu o uso ritual da *Cannabis* no universo da religião daimista. A partir da revelação que o Padrinho acessou com a *Cannabis*, a doutrina passou a ser chamada por ele mesmo e seguidores de “Santo Daime”, para que fosse diferenciada do Alto Santo, ou seja, da linha fundada por Mestre Irineu, que não utiliza a *Cannabis* nos ritos.

No Santo Daime pude ver mais uma vez o uso da *Cannabis* ser feito com propósitos espiritualistas, mas fora das sessões oficiais e de maneira reservada, apenas por alguns membros e entusiastas da doutrina. Os daimistas chamam a erva de “Santa Maria”, uma nítida alusão à Mãe Divina. No momento da consagração, o cigarro é chamado de “pito” e o mesmo é tragado 3 vezes, uma numerologia que representa o sol, a lua e as estrelas. Além disso, o pito é repassado sempre para o lado direito, nunca para o lado esquerdo. Para fazer a consagração da Santa Maria, ou seja, pitar, uma dieta é realizada 7 dias antes e 7 dias depois do rito. Durante o antes e o depois do ritual, tanto quanto no seu desenvolvimento, não se pratica sexo, não se bebe álcool, bem como existem várias recomendações que quando seguidas proporcionam grandes lampejos de consciência ao psiconauta.

Em 2015 estava no segundo ano do mestrado em Filosofia e contava com 23 anos. O mês do meu aniversário, julho, naquele ano teve duas luas cheias, dentre as quais uma *Blue Moon*. Após as fortes conexões estabelecidas em uma jornada com várias plantas de poder no início do mês, na semana final de julho decidi realizar a mesma dieta iniciática realizada por Mestre Irineu, fundador do Daime, 100 anos depois dele. Ao dia

final da tarefa sagrada, que sincronizou com a pleníssima Lua Azul, nas visões transcendentais tive um encontro com a Rainha da Floresta. Além das preciosas informações que guardo comigo, a Rainha recomendou o meu fardamento no Santo Daime, bem como deu o indicativo de quem seria o meu Padrinho. No mês seguinte fui aprender a fazer o daime em um feitio-escola no Céu da Campina, o primeiro Centro Eclético da Fluente Luz Universal do nordeste brasileiro. Aos 23 dias de agosto de 2015, Dia de Combate à Injustiça, durante o feitio, em um trabalho de iluminação, para cumprir a determinação que me foi dada pela Grande Mãe, recebi a minha estrela e fardamento no Santo Daime pelo Padrinho Alex Polari de Alverga. A iniciação oficial na Doutrina Daimista foi sem dúvidas uma das escolhas mais auspiciosas e revolucionárias que pude fazer em toda a minha vida.

As minhas presenças em cerimônias xamanísticas com ayahuasca eram muito frequentes em 2015. O antes e o depois daquelas rodas medicinais era iluminado pela força da *Cannabis* e de outros enteógenos, como o rapé e a sananga. Uma vez que a santa erva ainda era proibida pelas leis draconianas do Brasil, não era permitido utilizá-la nos rituais ayahuasqueiros. Devido ao respeito que nutríamos pela história da ayahuasca, não fumávamos a *Cannabis* nas cerimônias, mas sempre que as últimas eram encerradas, nós saíamos do centro xamanístico ainda a vibrar na força para consagrar a planta de poder.

Recordo que nós chamávamos os enteógenos de “medicinas” não por acaso, mas pelo fato de que estes atuavam como plantas medicinais. Os benefícios da consagração de um enteógeno eram sentidos nos níveis físico, mental, emocional e espiritual por todos aqueles que consagravam junto comigo. Comecei a me dar conta das transformações pelas quais passei depois de anos a expandir a minha consciência com os psicoativos e as práticas holísticas.

Àquela altura do campeonato a minha personalidade estava mais forte: havia abandonado o álcool; deixado para traz os ambientes e as pessoas que me desfavoreciam; a relação com a cena *underground* se tornou muito saudável; o meu visual estava um tanto diferente; os meus livros de bolso mudaram; as minhas ideias se tornaram bem mais criativas; as mudanças que vieram do meu mundo interior repercutiram sobre o mundo exterior. Dito de outra maneira pude ver o quanto aquelas experiências com a *Cannabis*,

o LSD, o MDMA, a mescalina, a *Argireya*, os cogumelos, a ayahuasca e a jurema transformaram a mim e aos meus amigos em pessoas muito melhores.

XI. TRANSCENDÊNCIA ATRAVÉS DA IMANÊNCIA

Uma experiência psicodélica é uma viagem a novos reinos de consciência. O alcance e o conteúdo da experiência são ilimitados, mas as suas características são a transcendência de conceitos verbais, de dimensões espaço-temporais, e do ego ou identidade. Tais experiências de consciência ampliada podem ocorrer de várias maneiras: privação sensorial, exercícios de yoga, meditação disciplinada, êxtase religioso ou estético, ou espontaneamente. Mais recentemente elas tornaram-se disponíveis a qualquer pessoa através da ingestão de drogas psicodélicas como o LSD, psilocibina, mescalina, DMT, etc (Timothy Leary; Ralph Metzner; Rick Alpert, 2017, p. 10).

No ano de 2016 estava no fim do mestrado em filosofia, a pensar que não teria chances de entrar no doutorado, pois o meu nível de responsabilidades estava bem alto e não havia muito tempo para estudos extra-acadêmicos. Eram três livros muito complexos que deveriam ser estudados dos quais apenas um livro seria o sorteado para formular a questão da prova.

Apesar de tudo e a considerar que a probabilidade de aprovação no doutorado pelo menos era “uma além de zero”, fiz a minha inscrição para o exame e um mês antes de fazer a prova fui tomar o daime. Depois do trabalho de concentração, ainda na força do daime, mas fora da igreja, nós consagramos a *Cannabis* e uma voz telepática disse para mim: “Dos livros em questão você precisa se concentrar nos estudos apenas de um”. A obra era um diálogo de Platão chamado *Fedro*.⁶ Como as informações que antes havia visto na luz das plantas sagradas se mostraram verdadeiras, decidi deixar de lado o ceticismo típico da minha formação e estudar somente Platão.

Uma semana antes da prova fui tomar outra vez o daime. Recordo-me que ao final da concentração, em um lugar muito distante da igreja, nos reunimos para consagrar a *Cannabis*. Naquela ocasião tive fortes visões com os mitos platônicos. Outra vez a voz

⁶ *Diálogos de Platão: Fedro ou Do Belo*. Tradução, notas e textos complementares de Edson Bini. 1ª Edição. EDIPRO, São Paulo. 2007-2010.

telepática veio até mim e falou: “Nesta semana você precisa focalizar na narrativa mitológica da carruagem voadora, que explica a imortalidade da alma e a encarnação humana”. Com total confiança no brilho da luz, naquela semana revisei o mito por diversas vezes, procurei o suporte dos estudiosos mais conceituados e por fim fui fazer a prova.

No dia da prova tomei uma microdose de ayahuasca e algumas gotas de óleo canábico. O professor perguntou quem gostaria de fazer o sorteio do texto que traria a questão do exame. A minha mão se levantou de súbito e o professor veio até mim enquanto sorria. Quando puxei o papel da caixinha estava escrito: “Platão – Fedro”. Naquela hora a esperança se tornou muito real e para completar, quando o professor entregou a questão da prova lá estava escrito: “descreva o mito da carruagem voadora e o que este representa no diálogo de Platão”.

Vibrei de felicidade quando vi o resultado do exame: a nota que tirei foi a mais alta da minha área de pesquisa, a metafísica. Passei então a acreditar com total certeza que as “plantas de poder” assim o eram porque nos tornavam pessoas mais fortes, elas nos davam provas materiais da realidade espiritual. Passei então a crer, sem dúvida alguma, que as “plantas professoras” assim eram chamadas porque nos presenteavam com brilhantes aprendizados.

XII. UMA TESE PSICODÉLICA

Continuei a observar as flores e, em sua luz vívida, eu parecia captar o equivalente qualitativo da respiração — mas de uma respiração sem retornos a um ponto de partida, sem refluxos periódicos, mas antes um fluxo, repetido, da beleza para uma beleza mais sublime, de um significado profundo para outro ainda maior. Palavras tais como Graça e Transfiguração vieram-me à mente, e isto, sem dúvida, era o que, entre outras coisas, queriam elas significar (Aldous Huxley, 2009, p. 11).

Ao entrar no doutorado em Filosofia não sabia com precisão qual seria o meu assunto de pesquisa. Depois de várias jornadas individuais com ayahuasca, *Argireya*, jurema, *Salvia*, cogumelos, rapé, sananga e *Cannabis* em 2017, recebi uma compreensão e decidi que a temática da minha tese giraria em torno da filosofia psicodélica.

Nos dois primeiros anos do curso, entre 2017 e 2018, após consagrações enteogênicas que ao seu término incluíam o uso ritual da *Cannabis*, os autores que seriam interpretados no meu trabalho apareceram para mim. Eram eles Friedrich Nietzsche [1844-1900] e Alex Grey. Nietzsche foi usuário de diversas substâncias psicoativas cujos efeitos bem apreciados favoreceram a desenvoltura do seu pensamento. Alex, por sua vez, também utilizou os mais diversos psicoativos para inspirar o seu processo criativo. Dentre os compostos psicodélicos utilizados pelo filósofo e pelo artista estavam o haxixe e a *Cannabis*. Assim, com os autores selecionados era a hora de definir o conceito central da pesquisa.

Continuei com as minhas jornadas xamanísticas acompanhado pela luz da erva sagrada e das demais plantas professoras, então o conceito principal da minha tese apareceu em uma visão espiritual: era a “transfiguração”. Entre os estudos e a escrita elaborei um cronograma de atividades que incluía a utilização dos enteógenos (em geral a ayahuasca, a jurema e os cogumelos) como chaves do processo criativo. Na medida daquele tempo eram duas doses heroicas uma vez durante a semana e duas microdoses a cada dois dias. Com a dosagem heroica observei uma constante tempestade de ideias que sempre favorecia a minha escrita. Com a dosagem mínima percebi que ao tomar pela manhã passava o dia inteiro bem e ao tomar para dormir a qualidade do meu sono ficava ótima. A *Cannabis* estava presente no cronograma do doutorado, de maneira irregular e esporádica, no intervalo de tempo entre as doses heroicas de ayahuasca, de jurema ou cogumelos.

XIII. A TARJA VERDE CONTRA A TARJA PRETA

O problema com muitas drogas é social, e cada país tem de tomar suas decisões. Por outro lado, deveria ser permitido administrar a maconha – de uma ou outra forma – como um agente medicamentoso, porque em algumas doenças ela é excelente (Raphael Mechoulam, 2007).

Como estudante de pós-graduação observei, de 2016 até 2019, vários amigos do mesmo curso e de outros cursos adoecerem. Eram processos de saúde mental como ansiedade, depressão, estresse, pânico, dentre outros. Alguns episódios patológicos foram

tão extremos que os remédios não davam jeito. Desse modo alguns deles acabaram interditados e abandonaram a universidade. Os casos mais trágicos terminaram no suicídio de algumas pessoas que eram queridas e pelas quais lamentei muito. Por causa das mortes e do sofrimento de vários amigos que estavam presos às tarjas pretas, a carga psíquica de tantos processos difíceis só era possível de suportar graças às plantas de poder, às terapias integrativas e às práticas espirituais.

Com essa compreensão tive a ideia de chamar os enteógenos de “tarja verde”: como uma crítica à indústria farmacêutica que influenciava a liberação de medicamentos muitas vezes ineficientes e favorecia a proibição das medicinas da natureza. Assim recorri à *Cannabis* como uma planta de poder central a ser discutida na perspectiva de uma diminuição dos sofrimentos provocados por vários transtornos mentais. Estava a atuar como redutor de danos em um coletivo que se chama *Celebrate*. Nós fazíamos intervenções de acolhimento para pessoas com *bad trips*, testagem de substâncias e informação psicodélica nas festas de música trance. Os festivais passaram a ser um campo de estudos fenomenológicos, o qual passei a frequentar não apenas como um observador atencioso, mas também como um agente ativo do êxtase compartilhado.

Desde que iniciei a minha atuação na redução de danos, nós levávamos o debate da *Cannabis* Medicinal e das terapias psicodélicas para os eventos da contracultura, como estratégia de minimizar a infelicidade promovida pela vida em um modelo de sociedade incompatível com o bem-estar geral. Com essa abordagem das substâncias psicoativas e dos movimentos contraculturais, que acenava para o uso consciente e por conseguinte para otimização das *trips* de cada psiconauta, o nosso coletivo de redutores foi convidado para dar suporte ao *Universo Paralelo*, um festival que pode ser considerado o maior evento da cena trance no Brasil.

Na semana da virada de 2019 para o ano de 2020, a celebração foi feita sob efeito de *Cannabis*, haxixe, LSD, cogumelos, DMT e muito amor. Naqueles dias nós tivemos uma formação intensiva como redutores de danos, pois atendemos e prestamos assistência a dezenas de indivíduos em processos psicodélicos delicados, realizamos centenas de análises químicas com 5 tipos diferentes de reagente substancial e demos muita informação para um sem número de pessoas. Uma das coisas que mais me fizeram ficar feliz foi ver na festa a viralização da expressão “tarja verde”. Como retorno do altruísmo

desinteressado por amor à humanidade, nós também fomos recompensados com ações de gratidão e momentos divinos, os quais considere constituírem uma bela experiência, talvez porque aquelas maravilhas nos preparassem para os desafios que estavam por vir.

XIV. SAÚDE INTEGRAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Não há dúvidas de que a *Cannabis* é trivializada como mercadoria e degradada pela designação de “droga recreativa”, mas também não há dúvida de que, quando usada ocasionalmente num contexto de expectativa ritual e culturalmente fortalecida de uma transformação de consciência, a *Cannabis* é capaz de provocar todo o espectro de efeito psicodélico associado aos alucinógenos (Terence McKenna, 1993, p. 87).

Estava tudo muito bem naquele início de 2020. Contava então com 29 anos de idade. Vivia na Praia de Pipa, que era o berço dos meus avós maternos, haviam 4 anos consecutivos. Naquele lugar idílico que recordava os meus antepassados, o qual escolhi para escrever a minha tese em memória deles, pelo espírito cosmopolita que ali sempre esteve presente troquei contatos e experiências com psiconautas de todo o planeta. Eles passavam temporadas de rolê no paraíso e o meu papel nas horas vagas era levá-los para passear. Nessas aventuras psiconáuticas nós comíamos cogumelos, bebíamos ayahuasca, tomávamos rapé, aplicávamos sananga e, sempre ao final, nós fumávamos *Cannabis*, bem como celebrávamos a vida.

As nossas trocas de ideias eram motivadas pelo amor ao conhecimento da natureza e do universo. Compartilhávamos as nossas impressões sobre os efeitos de vários tipos de substâncias e integrávamos as mais variadas rodas xamanísticas. Discutíamos os rumos do movimento antiproibicionista em diversos lugares do mundo. Lembro que cada um de nós expressava as ideias no seu idioma nativo e todos em alguma medida nos compreendíamos. Participávamos de intervenções agroecológicas e sustentáveis onde imaginávamos um futuro sem proibição. Debatíamos a utilização dos psicoativos no contexto das humanidades, das ciências da saúde e do direito. A *Cannabis* era uma planta sempre presente nas nossas reuniões multiculturais.

Durante algumas das ocasiões supramencionadas, o nosso grupo de estudos decidiu realizar um experimento com a *Cannabis* em uma altíssima proporção de

princípios ativos, para alcançar novos estados de consciência e constituir novas evidências fenomenológicas: também com o propósito de tentar estabelecer uma possível comparação entre os efeitos da planta e a *trip* dos psicodélicos clássicos. Assim, ao mesmo tempo nós comemos, bebemos e fumamos a *Cannabis* em quantidades heroicas, em um curto período de tempo, na intenção de observar as nossas próprias impressões e reações. O resultado foi a constatação de que a erva comida, bebida e fumada simultaneamente nos levou a ter uma experiência muito similar a dos psicoativos enteogênicos, com padrões intensivos, visuais, criativos, filosóficos e conscienciais extraordinários.

Era uma festa sem começo nem fim até que veio a pandemia de Covid-19. O surto da doença nos induziu ao recolhimento nas nossas casas e os contatos presenciais foram reduzidos ao nível máximo. Como a possibilidade de morrer a curto prazo era muito real, decidi que me recolheria para a conclusão da minha tese de doutorado. Mudei o cronograma de atividades psicodélicas de duas doses heroicas semanais para duas quinzenais de ayahuasca, cogumelos e jurema. Entretanto, mantive o uso das microdoses no mesmo ritmo que comecei, isto é, a cada 2 dias uma dose de manhã e outra à noite. Passei a fazer trilhas ecológicas e a frequentar as partes desertas das praias do município de Tibau do Sul. Naquelas jornadas caminhei, corri, pedalei, surfei, tomei banhos de argila, de sol, de vento, de mar e amei. Levava um beck junto comigo para o passeio, parava em algum pico inspirador e acendia a chama da erva para a leitura, a escrita e as ideias fluírem melhor.

Lembro-me que a *Cannabis*, os seus derivados e os demais psicoativos que utilizei de 2010 a 2020 favoreceram uma melhor adaptação às exigências do momento. Como estavam a morrer muitas pessoas, dentre as quais se encontravam uma tia, uma prima, alguns amigos e diversos conhecidos, o sofrimento psicológico provocado pelas constantes notícias de falecimento era preocupante. Apesar das brumas que encobriam a realidade sobre a pandemia, para honrar as pessoas queridas, continuei com o trabalho de tese enquanto intercalava os meus estudos com as jornadas psiconáuticas. Como todos os enteógenos e substâncias que utilizei naquele tempo tinham efeitos antidepressivos, ansiolíticos, adaptógenos, empatógenos e antiestresse, nenhum transtorno de saúde mental me acometeu com severidade sintomatológica. A adoção da “tarja verde” como

estratégia de redução de danos durante o auge da pandemia foi a minha alternativa para manter o equilíbrio homeostático.

XV. UMA ESTRELA DE ESPERANÇA NO HORIZONTE

A *Cannabis* não é uma planta que é um só remédio, ela é muitos remédios diferentes, porque ela tem diversas genéticas. Existem também diferentes maneiras de prepará-la, de curá-la, de fazer extratos e aquecimentos a diferentes temperaturas que vão permitir a utilização de mais de 400 compostos de interesse terapêutico, que a gente chama de canabinoides, terpenos, flavonoides. Então a *Cannabis* veio para ficar. É importante que as pessoas entendam: a medicina do século 21 é uma medicina canábica (Sidarta Ribeiro, 2021).

O ano de 2021 era o ano final do curso de doutorado em Filosofia e o pior ano da situação pandêmica. Lembro-me de que entre março e abril daquele ano as estatísticas da pandemia mostravam uma média aproximada de 4 mil mortos por dia apenas no Brasil. Eram dados muito críticos para serem menosprezados.

Assim, redobrei os meus cuidados profiláticos com alimentação alcalina, doses altas de vitamina D3, ingestão de prata coloidal, ouro coloidal e ouro monoatômico, autoaplicações de *kambô*, diversos imunomoduladores naturais, exercícios físicos, distanciamento social, muita higiene pessoal, dentre outras medidas.

Naquele ano li notáveis artigos científicos que sugeriam o THC, o CBD e alguns outros canabinoides como inibidores da infecção, inflamação e replicação celular do Covid-19.⁷ Dessa maneira, o *full spectrum* da *Cannabis* e as outras medicinas da natureza

⁷ *The Immunopathology of Covid-19 and the Cannabis Paradigm*, artigo publicado na revista *Frontiers in Immunology* (2021). *Cannabidiol Inhibits SARS-CoV-2 Replication and Promotes the Host Innate Immune Response*, artigo publicado no arquivo *BioRxiv* do *Cold Spring Harvor Laboratory* (2021). *Cannabis compounds exhibit anti-inflammatory activity in vitro in COVID-19-related inflammation in lung epithelial cells and pro-inflammatory activity in macrophages*, artigo publicado na revista *Nature* (2021).

somados às sugestões dos *experts* da saúde foram muito úteis para acalmar o meu coração que estava aflito com o caos do mundo.

Durante quase todos os meses finais do curso de doutorado e por conseguinte também no ápice da pandemia, nas medidas apropriadas utilizei a *Cannabis* e muitos outros psicoativos como neuromoduladores: com o propósito de otimizar o cérebro e aumentar as minhas capacidades criativas. Para poder suportar tanto o sofrimento pessoal quanto o coletivo e ainda poder dar conta das demandas acadêmicas eram requeridas alternativas de emergência que não fossem as tarjas pretas.

Encontrava alguns poucos amigos que estavam no mesmo ritmo intensivo de cuidados uma vez por mês. Nos encontros bebíamos ayahuasca, comíamos cogumelos, tomávamos rapé, aplicávamos sananga, às vezes mascávamos folhas de coca e ao término da imersão nós consagrávamos a *Cannabis*, sempre com espaço ideal e higiene apropriada. Depois das jornadas sagradas nós tentávamos pensar alternativas que pudessem reverter a extinção da espécie humana. Nesse processo aproveitava para interpretar as minhas leituras à luz dos enteógenos e com isso obter os *insights* necessários ao fechamento da minha tese.

O resultado dessa metodologia experimental, ao contrário do que muita gente desinformada poderia imaginar, foi um trabalho doutoral com 439 páginas sobre a filosofia psicodélica de Friedrich Nietzsche e a arte visionária de Alex Grey. Além disso, de 2010 até hoje, em sincronia com os *insights* das minhas jornadas psiconáuticas, por mim foram ministrados 121 cursos de aperfeiçoamento e extensão, finalizados 3 projetos de pesquisa, concluídas mais de 20 formações complementares, publicados 9 artigos e 19 poemas em periódicos, apresentados 20 trabalhos acadêmicos, emitidos 28 pareceres técnico-científicos, assistidos 172 encontros, bem como organizados 33 eventos multidisciplinares, sem falar nas demais histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS NOVAS CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE

Em 2022 com 31 anos de idade sou doutor em Filosofia. Bem no início do presente ano tomei ciência do curso de *Cannabis* Medicinal da UNIFESP através de um amigo que comigo consagrava os enteógenos. Para ocupar o meu tempo livre e satisfazer a minha paixão pelos estudos psicodélicos decidi fazer matrícula e participar do curso.

Desde a primeira aula gostei imenso do cronograma de atividades, simpatizei com todos os professores, valorizei cada minuto das explanações feitas por eles, aprendi muita coisa interessante sobre os estudos canábicos, concebi altas ideias de pesquisa psicodélica para o futuro, fortaleci o meu engajamento no movimento antiproibicionista, aperfeiçoei a minha formação enquanto redutor de danos e fiquei muito feliz por tanta gente estar agora conectada com a ciência através da *Cannabis*.

Na atualidade o meu uso da erva está limitado à esporádicas ocasiões, nas quais amigos aparecem com um espécime de boa procedência e socializam na gratuidade. A restrição de uso no momento é opcional, pois como até agora não existe legalidade no Brasil para cultivo sem *habeas corpus* e como não tenho a obrigação de sustentar a máquina do tráfico, por preferência decidi não arriscar os meus direitos naturais e usar a *Cannabis* apenas quando ela aparece: também porque no meu caso, a ayahuasca, os cogumelos e a jurema, além de legalizados são suficientemente medicinais para manter em dia a minha saúde, o que me faz ficar tranquilo quanto a ter ou não ter a *Cannabis* comigo.

Idealizo, não obstante, continuar as minhas pesquisas e produções no campo da filosofia psicodélica, a partir dos horizontes conceituais apresentados na minha tese, a saber: a estética, a fenomenologia, a psicologia, a ética e a metafísica, bem como focalizar na produção de novas epistemologias. Também gostaria de ser voluntário para as pesquisas que estão a ser desenvolvidas no Instituto do Cérebro com a *Cannabis*, a ayahuasca, o DMT, o Bufo Alvarius e os demais psicoativos. Sinto uma enorme afinidade pelos estudos neurocientíficos: tenho em mente estabelecer uma conexão entre as neurociências e as ideias filosóficas.

Além disso, após a conclusão do curso de *Cannabis* Medicinal da UNIFESP, tenho vontade de seguir como psicoativista nos movimentos sociais contra a proibição e com as práticas da redução de danos. Se tenho alguma novidade para contar é que a minha tese de doutorado será transformada em livro e publicada pela “maior editora acadêmica do Brasil”, a Dialética, ainda no presente ano. Em poucas palavras, acredito que depois de tantos anos apaixonado pela psicodelia, a considerar as incontáveis coisas boas que os psicoativos geraram na minha saúde, a minha relação de proximidade com o conjunto de

elementos do universo psiconáutico, em uma perspectiva artística, científica, filosófica e mística será vitalícia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANIL, Seegehalli; SHALEV, Nurit; VINAYAKA, Ajjampura (et al). *Cannabis compounds exhibit anti-inflammatory activity in vitro in COVID-19-related inflammation in lung epithelial cells and pro-inflammatory activity in macrophages*. In: Nature Journal. 2021. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41598-021-81049-2>
- ANJOS, Augusto de Carvalho Rodrigues dos. *Eu e Outras Poesias*: Edição Especial Revista e Ampliada. Bertrand do Brasil, Rio de Janeiro. 2010.
- BAUDELAIRE, Charles Pierre. *Os Paraísos Artificiais*. Trad. José Saramago. Ediouro, São Paulo. 2003.
- BEY, Hakim. *Cybernetics and Entheogenics: from Cyberspace to Neurospace*. Next Five Minutes Festival. Amsterdam. 1996. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/peter-lamborn-wilson-cybernetics-entheogenics-from-cyberspace-to-neurospace>
- BÍBLIA, Português. *A Bíblia Sagrada*: Antigo e Novo Testamento. Trad. João Ferreira de Almeida. Sociedade Bíblica do Brasil, Brasília. 1969.
- BÍBLIA, Português. *Bíblia de Referência Thompson*. Trad. João Ferreira de Almeida. Editora Vida, São Paulo. 1992.
- BURROUGHS, William Seward; GINSBERG, Allen. *The Yage Letters*. City Lights Books. California. 2006.
- CARLINI, Elisaldo Luis de Araújo. *Cortina de Fumaça* (Documentário dirigido por Rodrigo Nac Niven). 2010. Vídeo (1:50 min.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=K_N1q5DAri4
- CLARKE, Robert Connel. *Hashish: History, Cultures, Ingredients, Recreation, Medicine: Hashish-making – Traditional, High Tech, Home-made*. Red Eye Press, Los Angeles. 1998.
- CROWLEY, Edward Alexander. *The Psychology of Hashish*. Anubis Books, Rockdale. 2019.

- HOFMANN, Albert. *LSD my problem child: reflections on sacred drugs, mysticism and science*. Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies. California. 2017.
- HUXLEY, Aldous. *The Doors of Perception: Includes Heaven and Hell*. Harper-Collins Books, New York. 2009.
- KEROUAC, Jack. *Os Subterrâneos*. Trad. Paulo Henriques Britto. Editora Brasiliense. São Paulo. 1984.
- LEARY, Timothy Francis; METZNER, Ralph; ALPERT, Rick. *The Psychedelic Experience: a Manual Based on the Tibetan Book of the Dead*. Citadel Press, New York. 2017.
- ALVERGA, Alex Polari de; MELO, Rita Gregório de. (Org.). *O Evangelho Segundo Sebastião Mota*. CEFLURIS Editorial, Céu do Maipá. 1998.
- MCKENNA, Terence. *Food of the Gods: the Search for the Original Tree of Knowledge: a Radical History of Plants, Drugs and Evolution*. Bantam Press, New York. 1993.
- MECHOULAM, Raphael. *Entrevista com o Descobridor do Princípio Ativo da Maconha*. Growroom. 2007. Disponível em: <https://growroom.net/board/topic/25071-entrevista-com-o-descobridor-do-princ%C3%A9pio-ativo-da-maconha/>
- NGUYEN, Long Chi; YANG, Dongbo; NICOLAESCU, Vlad (et al). *Cannabidiol Inhibits SARS-CoV-2 Replication and Promotes the Host Innate Immune Response*. In: Cold Spring Harbor Laboratory BioRxiv. 2021. Disponível em: <https://www.biorxiv.org/content/10.1101/2021.03.10.432967v1.full.pdf+html>
- PALAND, Nicole; PECHKOVSY, Antonina; ASWAD, Miran (et al). *The Immunopathology of Covid-19 and the Cannabis Paradigm* In: Frontiers of Immunology. 2021. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fimmu.2021.631233/full>
- PLATÃO. *Diálogos de Platão: Fedro ou do Belo*. Trad. Edson Bini. EDIPRO, São Paulo. 2007-2010.
- RIBEIRO, Sidarta Tollendal Gomes. *Sonho, Memória e Maconha*. Revista Trip. 2021. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip-fm/sidarta-ribeiro-sonho-memoria-e-maconha>
- RIMBAUD, Arthur. *Poésies. Une Saison en Enfer*. Illuminations. Gallimard, Paris. 1998.

WILSON, Robert Anton. *High Times Greats*: Interview with Robert Anton Wilson. High Times, Los Angeles. 1991. Disponível em: <https://hightimes.com/culture/high-times-greats-interview-with-robert-anton-wilson/>